

Piano em grupo na velhice: investigando novas possibilidades

Comunicação

Ana Maria Janunzzi de Salles
Universidade Federal de São João del-Rei
anamariajsalles@gmail.com

Carla Silva Reis
Universidade Federal de São João del-Rei
Carlasr73@hotmail.com

Hugo Coqueto
Universidade Federal de São João del-Rei
hugocoqueto@gmail.com

Hugo Renan Silva
Universidade Federal de São João del-Rei
hugorsilva13@gmail.com

Resumo: O presente trabalho detalha experiências de ensino de piano em grupo (EPG) ocorridas durante o segundo ano (2023) de funcionamento do projeto “Meu tempo é hoje: o piano na terceira idade” da Universidade Federal de São João del-Rei. A partir dos dados coletados (diários de campo, áudios e vídeos) durante as aulas na modalidade em dupla, e também em atividades coletivas em um grupo maior, apresentamos alguns materiais e estratégias utilizados, buscando criar um diálogo com a questão da socialização dos idosos participantes. Concluímos que a experiência tem se mostrado profícua para tal faixa etária, bem como para a formação de professores de piano comprometidos com a realidade sociocultural brasileira.

Palavras-chave: Piano em grupo; Pedagogia do piano; Idosos.

Introdução

O projeto “Meu tempo é hoje: o piano na terceira idade” da Universidade Federal de São João del-Rei foi criado em 2022 como *locus* da pesquisa de mestrado de uma das autoras, que visava investigar o ensino-aprendizado de piano na velhice. Além disso, o projeto possibilita a experiência docente dos alunos do curso de música da UFSJ. Contamos atualmente com 15 alunos idosos participantes, entre veteranos e os que ingressaram em 2023.

No segundo ano de execução do projeto, em 2023, optamos por oferecer aulas de piano em duplas para os alunos ingressantes, diferentemente do primeiro ano, em que os alunos faziam aulas de piano individuais e, ocasionalmente formávamos um grupo com todos eles para atividades coletivas. Cabe ressaltar que os alunos veteranos, ingressantes de 2022, fazem aulas individuais desde o início do projeto, e parte dos novatos estão em duplas. Para a execução das aulas, contamos com 3 monitores, uma aluna de mestrado e dois alunos da graduação. Os participantes foram divididos de acordo com a disponibilidade de horário dos monitores.

Optamos pelo oferecimento de aulas em duplas por dois motivos: primeiramente, pela investigação da modalidade associada à velhice, e segundo, para estimular a socialização entre os idosos participantes. Neste segundo ano também realizamos, uma vez por mês, um encontro com todos os participantes do projeto. A seguir, apresentaremos dados e discutiremos os resultados, apontando metodologias, materiais e considerações sobre a modalidade em grupo aplicada ao ensino do piano para idosos.

Piano em grupo e o ensino para idosos

Apesar de ser associado a uma abordagem moderna, o ensino de piano em grupo (EPG) é uma prática que vem sendo desenvolvida há bastante tempo, tendo o professor alemão John Benhard Logier (1777-1846) como seu precursor. Podemos citar os Estados Unidos como o país que mais se desenvolveu em relação ao piano em grupo, apesar de não ser o único praticante. Segundo Sofia Braga, nas décadas de 1920 e 1930, ocorreu no país uma grande progressão na inclusão do piano em grupo no ensino geral (escolas e universidades). Destaca-se o nome de Raymond Burrows, que foi o responsável pela inserção dessa modalidade em escolas públicas dos Estados Unidos com aulas de piano em grupo para adultos na Universidade de Columbia (BRAGA, 2011, p.8).

No Brasil, essa prática se iniciou no final dos anos 1970, sendo o primeiro registro, segundo Reinoso (2012), de um curso oferecido pela professora paranaense Abigail Rodrigues Silva sobre o método de ensino do professor estadunidense Robert Pace. Maria de Lourdes Junqueira Gonçalves foi responsável por disseminar o ensino de piano em grupo no Brasil, criando cursos de especialização na modalidade e lançando materiais em língua portuguesa, como o *Educação musical através do teclado* (1985), que vem sendo revisado e publicado pela professora Ingrid Barancoski e Tiago Batistone (UNIRIO, 2019).

São várias as possibilidades de organização dos laboratórios de piano em grupo: podemos ter desde um laboratório com vários pianos digitais e fones de ouvido, onde cada aluno ocupa um instrumento, até a opção mais singela de um piano apenas para um pequeno grupo de alunos. A organização que adotamos no projeto “Meu tempo é hoje: o piano na terceira idade” consiste em um piano acústico para dois alunos, que, embora não seja o ideal para o EPG, é a opção viável no momento, uma vez que optamos por oferecer as aulas na região central da cidade, favorecendo assim uma maior participação dos idosos. Devido às limitações ao espaço onde ocorrem as aulas, não utilizamos nenhum tipo de tecnologia como computadores, projetores etc.

A nossa proposta se aproxima das proposições de Robert Pace, diferenciando-se apenas pela faixa etária dos alunos. Estamos de acordo com o referido autor quando se expressa sobre as aulas em duplas: “devemos considerar o piano em grupo como um meio, não um fim em si. Isso coloca uma ênfase diferente no material, no processo de ensiná-lo e nos resultados esperados” (PACE, 2002, p. 20, *tradução nossa*). Sobre a dinâmica das aulas,

Trata-se de uma situação de aprendizagem em que dois ou mais estudantes interagem sob a orientação de um professor em uma dinâmica mais complexa. Cada pessoa do grupo é constantemente envolvida, seja na performance, análise auditiva e visual, ou crítica construtiva de si e de seus pares. Cada membro sente uma responsabilidade para com os outros, e todos têm um senso de envolvimento pessoal. (PACE, 1938, p. 2, *tradução nossa*).

O autor também admite a aula de piano “tanto para servir como um meio de conhecimento musical quanto para desenvolver a competência no instrumento” (MONTANDON, 1992.p. 81). Em relação à situação de aprendizagem, o projeto “Meu tempo é hoje: o piano na terceira idade” está distanciado da proposta de Robert Pace. A partir de 1982, o autor definiu “aulas em duplas para desenvolvimento do repertório e em grupos de até oito crianças para outras atividades” (*ibidem*, p. 83). No nosso caso, as aulas em duplas não têm apenas a finalidade de ensinar técnica e repertório, mas também de musicalizar e trabalhar atividades como improvisação e composição. Na aula coletiva com o grupo maior, que ocorre mensalmente no Centro Cultural da UFSJ, os alunos têm a oportunidade de tocar para os colegas, bem como de realizar atividades criativas, configurando-se como um momento de socialização entre os participantes.

O ensino para idosos foge ao padrão tradicional de ensino aluno-docente, em que existe uma relação de subordinação entre quem aprende e quem ensina. Logo, na modalidade de aulas em grupo, podemos ser professores, mas talvez não sejamos sempre os líderes do grupo. Nesse caso, o professor é “um facilitador ou um guia, que gera condições para que os idosos ‘se deem conta’ das interpretações, significados e atribuições que fazem sobre os fatos que lhes rodeiam” (YUNI; URBANO, 2005, p. 33). Essa situação pode ser observada por nós em momentos em que os alunos insistiam na repetição de alguma atividade, mesmo que não precisasse mais, na escolha do repertório, ou então nos pedidos de explicação de conteúdos muito específicos que talvez não seriam incluídos por nós naquele momento.

É importante destacar que no EPG, pode ocorrer uma disparidade no desenvolvimento dos alunos que fazem aula em dupla, principalmente quando um deles possui instrumento em casa e o outro não. Em relação aos alunos do projeto, pudemos observar tal situação, mas de uma forma diferente e interessante. Os alunos que possuem teclado/piano digital em casa conseguem fixar mais os conteúdos, pois há a prática domiciliar. Mas em relação ao desenvolvimento do aparato físico-motor, não observamos grande diferença entre quem pratica em casa e quem não pratica. Outra observação relevante diz respeito à apreensão intelectual dos conteúdos, que parece se desenvolver mesmo sem a posse do instrumento. Desse modo, observamos uma pequena diferença no desenvolvimento motor nos grupos, mas não na compreensão intelectual de conteúdo entre os alunos das duplas.

Materiais e abordagens pedagógicas

Embora estejamos de acordo com a pedagogia do professor Robert Pace, não adotamos seus materiais, pois são direcionados para crianças. No projeto “Meu tempo é hoje: o piano na terceira idade” temos utilizado três métodos: *Piano Safari for the older student* (Julie K. Hague & Katherine Fischer), *Adult Piano Adventures* (Nancy & Randall Faber), e *Pianíssimo* (Elvira Drummond). Este último recebemos de presente da autora, logo após ela tomar conhecimento da existência do projeto. Além dos livros didáticos citados acima, obras avulsas são utilizadas para compor o repertório individual dos alunos.

Durante as reuniões de planejamento no início do ano, a professora coordenadora sugeriu que o material utilizado para o desenvolvimento de habilidades técnicas seria o *Piano Safari for the older student*. Para isso, fizemos um compilado com as unidades que continham as atividades direcionadas para esse fim. Esse material não foi disponibilizado aos alunos participantes, pois como o livro traz uma abordagem por imitação no ensino da técnica, não vimos necessidade de os alunos adquirirem o livro.

Grande parte dos materiais para ensino de piano em grupo está voltada para a modalidade de laboratório de teclados e, portanto, não contempla a modalidade escolhida para o projeto. Por esse motivo não houve preocupação em se utilizar métodos direcionados exclusivamente ao EPG, uma vez que nossa experiência no ensino de piano para idosos tem demonstrado que o material por si só não garante o aprendizado, reforçando a importância de se conhecer as particularidades do processo de ensino-aprendizado desses alunos¹. Nesse sentido, escolhemos os três materiais citados anteriormente pelo fato de serem direcionados para jovens e adultos e não utilizarem uma linguagem infantilizada, apresentando os conteúdos de forma direta e concisa. Cada monitor escolheu o que mais lhe agradou para trabalhar com suas duplas.

¹Essas particularidades são exploradas na pesquisa de mestrado de uma das autoras, e já foram discutidas em eventos internacionais como, a National Conference of Keyboard Pedagogy 2023: <https://youtu.be/ioRzd6tg6gc> Acesso em: 22/08/2023.

No livro *Pianíssimo*, Elvira Drummond propõe a iniciação de “jovens e adultos não apenas na execução pianística, mas, sobretudo, na aventura prazerosa de desbravar os caminhos que nos levam à compreensão da linguagem musical” (DRUMMOND, 2022, p. 5). Para isso, a autora acrescenta ao repertório apresentado “notas esclarecedoras que antecedem as peças, comentando e preparando o aluno com o intuito de facilitar sua execução” (*Ibidem*). Este é um ponto positivo do material, pois além de ele estar escrito na nossa língua portuguesa, segundo uma das alunas participantes do projeto “ele está muitíssimo bem explicado, consigo entender tudo e revisar sozinha em casa”. A abordagem do livro, considerada por nós mais tradicional, inicia-se com a posição de cinco dedos no Dó central. Nas primeiras atividades, os alunos tocam apenas essa nota, com ritmos variados. A dupla que utiliza esse material é formada por duas alunas com idades de 74 e 78 anos.

Além do livro citado e das atividades de desenvolvimento técnico, essas alunas também aprendem peças por imitação. O repertório escolhido para elas foi o seguinte: *Ondas* (Laura Longo), *Sabiá triste* (Elvira Drummond) e *Valsa triste* (Piano Pérolas). A peça *Ondas* foi feita inicialmente na primeira aula coletiva do semestre, então todos os alunos aprenderam. Ela é de execução solo, pois utiliza uma grande extensão do teclado, portanto quando uma aluna toca, a outra aprecia e ajuda na contagem das repetições de teclas pretas que existem. Na peça *Sabiá triste*, a melodia é executada utilizando apenas a nota Ré, com um ritmo específico, assim, as alunas tocam juntas, cada uma em uma oitava do piano, utilizando apenas a mão direita.

Para a *Valsa triste*, que foi feita para execução a quatro mãos, fizemos uma adaptação para ser executada por três pessoas. A peça consiste em uma escala de Dó maior, ascendente e descendente. Na primeira frase, a mão esquerda do aluno toca o tempo 1 e a direita os tempos 2 e 3, na mesma nota da escala, em oitavas diferentes, como podemos observar a seguir:

Figura 1 - Primeira frase da Valsa triste

Valsa Triste

Para Raffi *Carla Reis*

The image shows a musical score for the first phrase of 'Valsa Triste'. It is written for piano and is divided into two parts: 'Aluno' (Student) and 'Professor'. The 'Aluno' part is in the treble clef and consists of a single melodic line with a 3/4 time signature. The 'Professor' part is in the bass clef and consists of a single accompaniment line. The score includes various musical notations such as notes, rests, and fingerings.

Fonte: Piano Pérolas (REIS, Carla; BOTELHO, Liliana, 2019, p.45)

Esta sequência segue de Dó a Dó. Na segunda frase, inverte-se: a mão direita faz o tempo 1 e a esquerda os tempos 2 e 3, realizando a escala descendente.

Figura 2 - Segunda frase da Valsa Triste

The image shows a musical score for the second phrase of 'Valsa Triste'. It is written for piano and is divided into two parts: 'A' (Aluno) and 'P' (Professor). The 'A' part is in the treble clef and consists of a single melodic line with a 3/4 time signature. The 'P' part is in the bass clef and consists of a single accompaniment line. The score includes various musical notations such as notes, rests, and fingerings.

Fonte: Piano Pérolas (REIS, Carla; BOTELHO, Liliana, 2019, p.45)

O arranjo para três pessoas ao piano consistiu em cada uma das alunas realizar apenas o que se pede na mão direita ou na mão esquerda. Por mais simples que possa parecer, a mudança do tempo 1, de uma aluna para outra, na descida foi uma dificuldade observada. A forma de estudo contou com a repetição das alunas sem o acompanhamento da professora, primeiro individualmente e depois em conjunto. Desta forma, foi observada uma característica importante das aulas em grupo que é a colaboração entre os alunos. As participantes corrigiram os próprios erros e auxiliaram uma a outra na execução da música. Após essa atividade, foi introduzido o acompanhamento da professora². O resultado foi interessante, tanto musicalmente quanto na questão de entrosamento.

²Parte do processo pode ser apreciado no vídeo: <https://youtube.com/shorts/wSK5DIN-Xw8?feature=share>
Acesso em 22/08/2023.

Outra dupla, com alunas de 61 anos, expressou o desejo de executar algo a quatro mãos. Com a obra para piano solo *Ondas* (Laura Longo) bem internalizada, foi possível construir uma adaptação em dueto. A música em questão, de forma ABA, possui um formato que possibilita o arranjo sem maiores modificações, e sua estrutura harmônica possibilita a sobreposição dos dois temas presentes na música. O resultado foi um pequeno cânone no qual o Piano 2 inicia o Tema A, em seguida o Piano 1 entra com o tema A enquanto o Piano 2 está no tema B.

Figura 3 - Início do cânone com temas sobrepostos em *Ondas*

The musical score for 'Ondas' is presented in two systems. The first system shows measures 5 to 8. Pno 2 begins with Theme A in measure 5, while Pno 1 has rests. The second system shows measures 9 to 12. Pno 1 enters with Theme A in measure 9, and Pno 2 continues with Theme B. The score includes dynamic markings such as 'mp' and '8'.

Fonte: Elaborado pelos autores

Com a música já internalizada na versão solo, as alunas executaram o cânone sem maiores dificuldades. Outro aspecto importante a se ressaltar foi que assim como a obra original, este arranjo também foi ensinado por meio da imitação, e a explicação do conceito de cânone foi introduzida posteriormente à experiência prática com esta forma polifônica. A relação extraclasse foi um ponto observado, as alunas já se conheciam há um tempo, ambas têm instrumento em casa e demonstram uma relação de cooperação entre elas. No momento das aulas isso se refletiu na capacidade da dupla de alcançar os objetivos de aprendizado de forma conjunta, o que minimizou bastante as diferenças de desenvolvimento no ensino-aprendizado.

O método *Adult Piano Adventures* de Nancy e Randall Faber foi utilizado com outra dupla, de 70 e 56 anos. Após serem iniciadas no piano com o uso dos *clusters* presentes na música *Ondas* (Laura Longo) e memorizarem a ordem das notas no teclado, foram apresentadas ao livro que seria trabalhado no decorrer das aulas. Algumas questões básicas exigiram uma atenção especial como, por exemplo, o posicionamento do corpo ao se sentar diante do instrumento e o uso do peso do braço.

Após o livro ser inserido, iniciou-se a leitura em que o método propõe a combinação do uso da numeração dos dedos e com uma melodia tradicional. Apesar de ser um livro com origem estadunidense, uma das alunas reconheceu a melodia de *Amazing Grace*, conseguindo cantar o tempo das notas de acordo com o ritmo da melodia presente na música. O método propõe tocar e cantar com (1) número dos dedos, (2) contagem do tempo e (3) notas musicais. Possui uma dificuldade gradual, dando tempo ao aluno para absorver cada conteúdo.

Figura 4 - Amazing Grace.

The image shows a page from a music book titled "Amazing Grace". The title is at the top right, with "Words by John Newton" and "Early American Melody" below it, and "arranged" in italics. The tempo marking "Slowly" is on the left. The score is for piano, with a right-hand (R.H.) and left-hand (L.H.) part. The lyrics are: "A - maz - ing . . . grace, how sweet the sound that saved a . . . wretch like me!". Fingerings are indicated by numbers 1, 2, 3, and 5 above the notes. The first line of music has a dynamic marking of *f* (forte) under the first note. The second line of music has a dynamic marking of *f* (forte) under the first note.

Fonte: Adult Piano Adventures (FABER, Nancy; FABER, Randall, 2016, p.12)

Em aulas posteriores, uma das alunas demonstrou uma maior dificuldade com a leitura através da numeração dos dedos. No processo de leitura, as alunas eram ensinadas tocando uma de cada vez e assim que o objetivo era atingido, o professor propôs formas diferentes para que tocassem juntas. Por exemplo, uma em cada oitava com o acompanhamento do professor trabalhando a sincronia e corrigindo o tempo ora com uma, ora com outra. Em outro momento, uma das alunas tocava a nota mais grave a cada tempo, para ir se acostumando com a contagem.

As alunas socializaram bem entre si, muitas vezes, durante o percurso da aula, uma explicava à outra seu entendimento de forma espontânea, auxiliando assim no processo de aprendizado de ambas. Até certo momento, elas estavam em um nível semelhante, o que auxiliou no processo de ensino em dupla. Infelizmente, com o passar do tempo, a aluna A, que possuía uma perda auditiva, sentiu sua audição piorar e optou por parar com as aulas. A aluna B, que estuda outro instrumento em uma instituição da cidade, seguiu com as aulas e com o método proposto.

Quando realizamos aulas com o grupo maior, convidamos todos os participantes do projeto para participar, mas nem sempre todos tinham disponibilidade, então o grupo variava entre 6 e 10 alunos. No início desses grupos, sempre abrimos com uma conversa descontraída sobre música e piano, que tem se tornado um momento de compartilhamento das experiências individuais dos participantes. Dentre os assuntos comentados estão as motivações para participar do projeto, questões sobre Alzheimer, e comentários sobre estarem extremamente felizes em aprender piano e conhecer novas pessoas.

O envelhecimento é marcado por perdas ao longo dos anos, seja de familiares, amigos ou entes queridos. Grande parte dos idosos que envelhecem no processo de senescência, ou seja, “processo fisiológico com transformações que ocorrem normalmente com o passar dos anos (sem distúrbios de conduta, amnésias, entre outros)” (FRIES; PEREIRA, 2010, p. 508), vivem sozinhos em suas residências.

Mas, ao contrário do que reproduz o senso comum, pensar sobre o envelhecimento não causa mal estar nos idosos. Em pesquisa realizada por Paulo Barrozo Cassol *et.al*³, em que investigaram a solidão em idosos não institucionalizados, revelou-se por meio das entrevistas uma celebração por estarem vivos, não pensando na velhice como finitude, mas sim no ideal de avançar a idade. Junto a isso, soma-se a satisfação da tranquilidade e das realizações ao longo da vida, como por exemplo, os filhos serem criados.

³ BARROZO CASSOL, Paulo; LINHARES GARCIA, Edna; SOARES DE LIMA, Suzinara Beatriz. Envelhecimento e solidão: narrativas de idosos não institucionalizados. *Enfermagem Atual in Derme*, v. 97, n. 1, 2023.



As atividades realizadas no grupo grande foram principalmente direcionadas para a improvisação e a experimentação ao piano. No início, percebemos os alunos mais tímidos, sempre querendo racionalizar antes de experimentar, mesmo sem estarem familiarizados com o instrumento. Nos encontros que se seguiram foi possível observar que a racionalização prévia das atividades ainda estava presente, porém agora com mais segurança, pois eles também estavam fazendo as aulas em duplas e se sentiam mais à vontade com o piano.

No último encontro do semestre realizamos uma atividade com voz e piano, com a música *Boa Noite* (Canção popular). Para reforçar o conceito de escala maior, retomamos a escala de Dó maior no início da aula, com um acompanhamento feito por um dos monitores. Cantamos a escala ascendente e descendente, reforçando os nomes das notas. Em seguida, dividimos os participantes em dois grupos, um que cantava a escala e o outro que cantava a melodia da música sobreposta, depois invertemos os grupos.

Nesse mesmo encontro, também fizemos um pequeno sarau com alguns participantes que aceitaram apresentar algumas peças que estavam aprendendo nas aulas em dupla ou individuais. Observamos que os alunos não se sentiram ansiosos com a apresentação, muito pelo contrário, estavam muito contentes e com menos “medo do erro”. Podemos considerar que, para esses alunos, a apresentação não é vista como um resultado final, mas sim como parte de um processo. Também temos que ter em mente, que é uma atividade nova para a maioria dos participantes, ou seja, eles não conhecem a tensão que geralmente se manifesta em músicos mais avançados ou profissionais. Podemos afirmar que grande parte dos alunos anseia compartilhar o que estão aprendendo, não tendo sido observado por nós um sentimento negativo de competição.

Considerações finais

Ao fim do primeiro semestre de implementação do EPG no projeto "Meu tempo é hoje: o piano na terceira idade", podemos concluir que essa experiência tem sido profícua para essa faixa etária. Os ganhos observados se afinam com as palavras do pedagogo Christopher Fisher, ao elencar os benefícios do ensino de piano em grupo para adultos:

Estimula a atividade cerebral e mantém a mente engajada; mantém o cérebro saudável e em funcionamento ideal; Gera uma sensação maior de qualidade de vida; promove redução do stress, relaxamento e diminuição da ansiedade; fornece uma rede social, que pode combater a solidão; facilita a oportunidade de aprendizado contínuo e a participação na vida; desenvolve concentração; promove um sentimento de orgulho e confiança pelas conquistas. (FISCHER, 2012, p. 201, *tradução nossa*).

Dentre os benefícios observados, podemos destacar a socialização dos idosos nas aulas de piano em grupo, que a nosso ver tem tornado a aprendizagem dos alunos mais leve, prazerosa e interativa. Ramos (2003) e Hyung Hur (2016), apontam que, dentre os fatores para se viver um envelhecimento saudável, a participação em atividades de aprendizagem favorece o desenvolvimento da autoeficácia como fator protetivo para o envelhecimento. Nos espaços de convivência e de aprendizado dos projetos universitários em que se tem uma integração social, e intergeracional, podemos abrir o caminho para a inclusão dos idosos, “favorecendo a socialização com os novos padrões de relações assim como estimulando cognitivamente, assim como motoramente, dentre outras necessidades” (COBALCHINI *et.al*, 2020, p. 164).

“A possibilidade de se assumir como um sujeito aprendente, em que se dispõe a manter-se ativo na construção de novas interações com a realidade, repercute de forma a promover melhor qualidade de vida” (COBALCHINI *et.al*, 2020, p. 166). Essa citação corrobora os comentários que ouvimos em sala de aula, como “nossa, não pensei que ia conseguir aprender piano agora”, “agora que tenho teclado em casa, posso passar meu tempo livre estudando e aprendendo mais”, ou então, além das palavras, pelas lágrimas de emoção após a execução de *Ode to Joy*, por uma das participantes.

Como próximas ações, pretendemos dar continuidade à experiência das aulas coletivas (em dupla e em grupos maiores), bem como pleitear junto à universidade a criação de um laboratório de teclados que possibilitará uma ampliação significativa do projeto. Salientamos, por fim, a importância da participação em projetos de extensão para a formação de professores de piano mais comprometidos e engajados com a realidade sociocultural brasileira.



Referências

BARANCOSKI, Ingrid e BATISTONE, Tiago, org. *Educação musical através do teclado – 1º. Volume Musicalização*. BARBOSA, Cacilda Borges e GONÇALVES, Maria de Lourdes Junqueira. 9ª. edição digital, modernizada e revisada. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2019.

BARANCOSKI, Ingrid e BATISTONE, Tiago, org. *Educação musical através do teclado - 1º Volume Musicalização - Manual do professor*. GONÇALVES, Maria de Lourdes Junqueira. 3ª. edição digital, modernizada e revisada. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2019

BRAGA, S. S. R. *Aulas de piano em grupo na iniciação: um património musical renovado*. 2011.

DRUMMOND, Elvira. *Pianíssimo*. 2ª Edição. Fortaleza: L Miranda Editora. 2022.

FABER, Nancy; FABER, Randall. *Adult Piano Adventures: All-In-One Piano Course, Book 1*. São Francisco: Hal Leonard, 2001.

FISHER, Katherine; HAGUE, Julie K. *Piano Safari for the Older Student*. 2022.

LONGO, Laura. *Divertimentos para piano*. São Paulo. 2017.

MONTANDON, Maria Isabel. *Aula de piano e ensino de música: análise da proposta de reavaliação da aula de piano e sua relação com as concepções pedagógicas de Pace, Verhaalen e Gonçalves*. Dissertação de mestrado. 178f. Porto Alegre. 1992.

PACE, Robert. Partnership at the piano. *Music Journal*, v. 17, n. 4, p. 20, 1959.

_____. Piano lessons: private or group?. *Keyboard Journal*, [S. l.], v. 4, n. 2, 1978.

REIS, Carla; BOTELHO, Liliana. *Piano pérolas: quem brinca já chegou*. Belo Horizonte: Escola de Música da UFMG, 2019.

REINOSO, Ana P. T. O ensino de piano em grupo nas universidades brasileiras. Dissertação de Pós-Graduação. Rio de Janeiro, 2012.

